



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Vislumbrando estrelas: estudo sobre tradição oral e os processos de existência e resistência na Ordem de Penitentes Irmãos da Cruz de Barbalha¹

Glipsing stars: study on oral tradition and the processes of existence and resistance in The Order of Penitentes Brothers of the Barbalha Cross

David de Lima Damasceno²

Antonio Wellington de Oliveira Junior³

Resumo: O presente trabalho é resultado da pesquisa empreendida para realização do vídeo etnográfico “Irmãos da Cruz”, tendo como tema central o fenômeno presente na Ordem de Penitentes Irmãos da Cruz de Barbalha, manifestação do catolicismo popular existente a mais de 160 anos. Pretendeu-se, com o vídeo, apresentar essa manifestação do catolicismo popular de origem secular — perpetuada e mantida pela tradição oral — através do diálogo entre passado e presente criado pelas vozes de dois membros dessa irmandade, Joaquim Mulato e Antônio de Amélia. Para tanto, analisou-se bibliografia existente aliando à discussão os conceitos de tradição oral de Zumthor (1993) e os conceitos de história oral de Thompson (1992).

Palavras-chave: Memória; Oralidade; Penitência.

Abstract: The present work is the result of the research carried out to produce the ethnographic video "Brothers of the Cross". Its central theme is the phenomenon present in the Ordem de Penitentes Irmãos da Cruz, a manifestation of popular Catholicism that survives for more than 160 years. It was intended, with the video, present this manifestation of popular Catholicism of secular origin - perpetuated and maintained by

¹ Trabalho apresentado ao III Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 6 a 10 de maio de 2019.

² Graduado do Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Ceará. Contato: daviddamasceno@gmail.com

³ Professor Dr. do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará. Contato: antoniowellingtondeoliveirajr@gmail.com



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

oral tradition - through the dialogue between past and present created by the voices of two members of this brotherhood. In order to do so, we analyzed the existing bibliography, combining the oral tradition concepts of Zumthor (1993) and the concepts of oral history by Thompson (1992).

Keywords: Memory; Orality; Penitence.

Vislumbrando Estrelas

Vislumbrar, segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2010:2165), quer dizer, em seu segundo verbete: “conhecer imperfeitamente”, seguido de “lançar luz frouxa” e “começar a aparecer, a surgir, entrever-se; apontar”. Esta é a definição que mais se aproxima do que de fato alcançamos com a pesquisa e a produção do vídeo, por tratar de assunto presente há mais de 160 anos, transmitido oralmente e transferido por gerações.

Em termos de História: desde a implantação da cultura letrada no Brasil, ficaram abaixo do limiar da escrita quase todos os conceitos da vida indígena, da vida escrava, da vida sertaneja, da vida artesanal, da vida rústica, da vida proletária, da vida marginal; abaixo do limiar da escrita ficaram as mãos que não puderam contar, no código erudito, a sua própria vida. (BOSI, A. Prefácio. In: MOTA, G. C. *Ideologia da Cultura Brasileira*, apud OLIVEIRA, F. W. *Do Oral ao Escrito: momento de reflexão*. In: Anais do II Encontro de História Oral do Nordeste. 2000, p.15)

Impossibilitados de escrever sua história com as próprias mãos, encontramos no audiovisual a possibilidade de dar lugar de sujeito aos penitentes, distanciando-os do lugar de objeto ao qual foram inseridos em outros trabalhos. Buscou-se a partir do vídeo-documento-etnográfico “Irmãos da Cruz” e da pesquisa empreendida na sua produção: registrar, apresentar e divulgar, o passado e o presente da Ordem de Penitentes Irmãos da Cruz. Sob o olhar e a voz de Joaquim Mulato, decurião entre os anos de 1940-2009, e Antônio de Amélia, decurião desde 2013-atualmente. Analisando os aspectos de tradição oral, resistência e existência da Ordem.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

A discussão se faz necessária por tratar de manifestação com expressão por todo o Brasil e que possui forte influência na cultura do Nordeste, guardando na sua história fragmentos do processo colonizatório praticado no País. O trabalho busca expandir o acesso à essa manifestação da cultura popular, conhecida por algumas instâncias da sociedade, porém, de pouca circulação fora do meio acadêmico. Além de reforçar a importância da criação de mecanismos de proteção do patrimônio imaterial visando a sua salvaguarda.

Introdução

As ordens penitentes, manifestação do catolicismo popular com origem no século XIX, — de acordo com Carvalho, A., "há referências na literatura de que as Ordens de Penitentes no Cariri cearense remontam a pelo menos a 1850" (2011:27) — possuem forte suporte da tradição oral para transmissão de sua história. Por isso, associamos à pesquisa os conceitos de oralidade de Zumthor e de história oral de Thompson para compreender as facetas do fenômeno que foi perpetuado e mantido vivo pelo poder da voz.

Joaquim Mulato e Antônio de Amélia são as duas vozes que costuram a narrativa do vídeo e dão margem para contrapor passado e presente na criação deste documento audiovisual, ao mesmo tempo histórico e etnográfico.

Por meio de entrevistas, semiestruturadas e de histórias de vida, registrou-se a voz e partículas da vida desses dois homens. O primeiro ingressou na Ordem aos dezesseis anos e o segundo aos dez. Os dois têm em comum o título de decurião, como são chamados os líderes da irmandade. Joaquim assumiu a chefia da Ordem entre os anos de 1940-2009 e Antônio de Amélia de 2013-atualmente.

Mulato foi entrevistado em 2003, por Gilmar de Carvalho e Wellington de Oliveira. Antônio, por mim, em junho de 2017. Quatorze anos entre os dois registros. Contrapostos e entrecruzados, na narrativa criada, buscando evidenciar as



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

particularidades presentes nos discursos e as transformações sucedidas no tempo decorrido.

Partindo desse discurso que nos faz viajar entre passado e presente/presente e passado percebemos que antes dele ser a imitação concreta da história nos serve mais como filtro desta, permitindo conhecer o que mais interessa, pensando sua salvaguarda. Segundo Williams (1989:23-25 apud ANTONACCI, 2002:194), “está em jogo algo mais que aritmética e, evidentemente, algo mais que história. (...) O que é necessário investigar, nestes casos, não é a veracidade histórica, e sim a perspectiva histórica”.

A narrativa do vídeo parte da preocupação de Mulato para com o fim dessa tradição, ele acreditava que com a sua morte a ordem teria grande chance de ser extinta, pela pouca adesão de membros jovens e pela falta de capacidade de memorização de seus contemporâneos. O que impediria a manutenção dessa religião persistida na memória. Em sua fala ele diz: “Quem sabe, sabe. Se eu morrer, e Severino, acabou os penitentes aqui. Porque não tem um que tenha a memória. Daí nós já tamo já na pindura. Eu to com 83”.

As ordens de penitentes encontram-se onde o cordel estava antes do espírito vivo presente na voz ter sido roubado pelas palavras transmitidas ao papel. Suas histórias, orações, devoções e benditos estão gravados e perpetuados na memória imaterial, como por muito tempo permaneceram as canções de gesta — conjunto de poemas surgidos na aurora da literatura francesa, entre os séculos XI e XII (ZUMTHOR, 1992).

Além da necessidade de arquivar, para preservar e compartilhar, essa manifestação que guarda em seu cerne fragmentos do processo colonizatório sofrido pelo Brasil, é importante, também, dar voz aos membros dessa irmandade. Observou-se a partir da revisão bibliográfica a ausência, em todos os estudos, da presença massiva da voz do penitente.

Os estudos aos quais me refiro são: *Artimanhas da história*, ANTONACCI, 2002; *Entre cantos e açoites: memórias, narrativas e políticas públicas de patrimônio que envolvem os penitentes da cidade Barbalha-CE*, MACHADO, 2014; *Os Penitentes do Genezaré e o poder público do município de Assaré – CE (2005 aos dias atuais):*



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

diálogos e sensibilidades, OLIVEIRA, 2013; *Sob o signo da fé e da mística: um estudo das Irmandades de Penitentes no Cariri cearense*, CARVALHO, A., 2011.

Ainda há outras obras, transferidas para meios digitais (filmes e fotografias) e impressos (monografias, dissertações, artigos e livros), aqui divididas em: filmes — "Ordem dos Penitentes" (2002) e "Penitentes" (2013) —, fotografias — Ana Cristina Riente (RJ); Guy Veloso (PA) e Tiago Santana (CE) —, artigos — *O penitente Joaquim Mulato, de Barbalha* publicado no Jornal do Cariri (1999); *Joaquim Mulato. Penitência e arte* publicado no Diário do Nordeste (2003) e *Joaquim Mulato: Santeiro Penitente* publicado na Cariri Revista (2012) —, livros — *Artes da Tradição - Mestres do Povo* (2005) e *Sob o signo da fé e da mística* (2011) — e programas de tevê — "SBT Repórter – Auto Flagelo" (exibido em 02/08/2010).

Esses trabalhos prestam sua contribuição para o resguardo dessa história mas são insuficientes para divulgar e preservar o repertório do grupo, por tanto, é necessário produzir novos e atuais trabalhos sobre essas irmandades, além de projetos que possibilitem a manutenção e salvaguarda dessa memória.

Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho processou-se dois tipos de metodologias, a primeira foi utilizada para a construção do relatório e a segunda para a realização do vídeo. Ambas de natureza qualitativa.

Num primeiro momento, de construção do relatório e início da pesquisa, a metodologia utilizada foi a pesquisa exploratória, a partir da análise do material bibliográfico, de arquivos de periódicos e jornais, fotografias e vídeos.

Acrescida posteriormente da pesquisa de campo onde realizou-se coleta de dados por meio de entrevistas — semiestruturadas e de histórias de vidas — através de gravação de áudio e de imagens. Para tanto, Thompson (1992) foi utilizado como provedor dos conceitos de história oral e Zumthor (1998) como referencial teórico para



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

entender os conceitos de tradição oral que permeiam essa irmandade e tornar mais compreensível os resultados obtidos nesta fase.

Durante a produção do vídeo foi realizada a captação das imagens em Barbalha e no Sítio Cabeceiras. Seguido da decupagem do material obtido nas filmagens: separando e catalogando todas as imagens obtidas, possibilitando a agilidade na terceira parte desta etapa, a montagem, quando foi produzido o roteiro de edição, seguido da edição.

Não há, para este trabalho, técnica mais adequada do que a história oral. De certo que a maior parte da história a ser contada está contida nas reminiscências de quem a viveu e vive. No entanto, pelos textos obtidos a partir das entrevistas realizadas com Joaquim Mulato (2003) e Antônio de Amélia (2017) notou-se em suas falas alguns denominadores em comum — palavras, frases e histórias semelhantes —, índice do processo de transmissão oral que apresenta um "tipo de memória, sempre em recuo, mas prestes a intervir para fazer ressoar a língua, quase à revelia do sujeito que a teria como que aprendido de cor" (DRAGONETTI, R. *Le Jeu de saint Nicolas de Jean Bodel*. apud ZUMTHOR, 1993, p. 21).

Dessa forma, foi necessário a investigação de algumas histórias pois as falas obtidas nos apontaram a debilidade da memória e sua falta de precisão. Notava-se ausência de algumas informações necessárias para o entendimento de determinados aspectos e, também, histórias que após verificação determinavam-se incoerentes com os processos históricos. Por isso, nessa fase pós coleta de dados também tivemos como suporte a bibliografia existente.

Penitentes

“São as vozes do passado atualizadas no presente que presenteiam o futuro com a fonte essencial da vida: a memória.”
(NEVES, 2000:49)



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Observar os penitentes é como olhar para as estrelas, mesmo estando há milhares de anos luz de distância, emitindo uma luz que foi irradiada no passado, ainda brilham vivamente aos nossos olhos.

Joaquim Mulato, em 2003, nos revela informações cruciais sobre a constituição e manutenção da irmandade. Relata a passagem de Padre Ibiapina pelo sertão cearense, os aspectos da oralidade incutidos na tradição, a origem dos benditos e sua preocupação com a continuidade da irmandade.

Frei Ibiapina veio naquela época, desde 1800.. pra 700.. por aí assim. Ele descobriu o Caldas, fez casa de caridade no Crato, fez casa de caridade na Barbalha. Fez o cemitério da Macaúba, fez o de São Raimundo, desceu, fez aquele ali. [...] Aí ele deixou essa irmandade, essa religião. Foi estendida aqui e na Bahia. Foi Frei Ibiapina que deixou, tudo ele deixou, ensinou como é que o homem andava com a cruz, ensinou como fazia, trazia os cachos feitos de recife, Frei Ibiapina.

Em 2017, Antônio de Amélia reatualiza as histórias contadas por Joaquim, e atualiza-nos com outras informações que não foram transmitidas na primeira entrevista.

Nós deixamos de se cortar faz tempo. faz tempo. Ah... evolução como é que diz, as coisas vão mudando né. O bispo disse que num era bom se cortar não, porque não.. Se cortar no cemitério né bom não, se fosse noutro canto.. Mas no cemitério ele disse que era contaminado, ora, no hospital, tem infecção hospitalar, e no cemitério. É certo, o doutor também disse que não. É bem verdade, esse negocio de se cortar é um pouco meio complicado. Hoje. Porque hoje tá tudo contaminado, porque assim, no passado se cortava e num tinha nada. [...] Agora eu tenho pra mim que continua o grupo de penitentes entrando com pouco bendito. Se não se acabar é com pouco bendito.

Das transformações identificadas por Antônio de Amélia, a diferença na relação com o decurião é uma das mais significantes. No passado, mais do que hoje, havia um respeito e obediência ao líder da irmandade, como cita seu Antônio: "Naquele tempo o povo obedecia o chefe, o decurião, hoje não querem, a gente manda cantar, eles não cantam". Situação que preocupa o novo líder, mais, até, que a falta de adesão de novos membros e o pouco engajamento dos atuais.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Antepassado

Diferente da crença de Joaquim Mulato, a história da penitência no nordeste brasileiro vem de tempos anteriores a passagem de Padre Ibiapina pela região. De acordo com os estudos de Carvalho, A. (2011:27-28), “as Ordens de Penitentes no Cariri cearense remontam a pelo menos a 1850, portanto em época anterior ao Padre Ibiapina, que pregou e fundou Casas de Caridade no Nordeste a partir do final de 1855”.

A presença dos missionários das Santas Missões pelo sertão — grupo de jesuítas, carmelitas, franciscanos, oratorianos, capuchinhos, dentre outros — está fortemente ligada ao início da prática penitencial no Nordeste. É com eles que é levado ao imaginário do sertanejo a ideia de salvação por meio da mortificação corporal e penitência, seja ela qual for, conforme diz Silva (2011).

Diferente das Missões Volantes e de Aldeamento, que foram marcantes nos primeiros séculos da colonização e atuaram com o propósito de catequizar as tribos indígenas do litoral e dos sertões, as Santas Missões, ou Missões Populares, do século XIX foram criadas no contexto histórico da romanização em que vivia a Igreja Católica e pretendiam, dentre os vários objetivos, transmitir a prática sacramental e fortalecer o vínculo entre os fiéis e a hierarquia eclesiástica. (SILVA, 2011, p. 2)

Além dessas missões existiam missionários que percorriam o sertão pregando sob o auxílio de textos de catequese como Missão Abreviada, texto que traz passagens de antigas escrituras e instruções aos fiéis de como se remir de suas culpas e livrar-se do pecado por meio da mortificação corporal.

Esses “missionários”, ao contrário da maioria dos fiéis, detinham um conhecimento básico das Sagradas Escrituras, uma vez que dispunham de obras voltadas para a compreensão simples da Bíblia, como é o caso da já citada Missão Abreviada, além d’As Horas Marianas e a Imitatio Christi (Imitação de Cristo) – manuais muito comuns entre os sertanejos e que serviam como livros de orientação para a vida cotidiana. (SILVA, 2011:18)

Por praticarem uma vida simples e nômade, esses missionários apresentavam semelhanças ao povo sertanejo. Característica que facilitava o contato entre os dois



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

grupos, propiciando uma admiração por parte do povo do sertão para com os religiosos. (SILVA, 2011).

Os penitentes ainda guardam em suas relações a confiança depositada na fala de missionários, assim como nos membros da Igreja Católica. Algo que foi possível concluir por meio da fala de Antônio de Amélia sobre o fim da autoflagelação, “o bispo disse que num era bom se cortar não”. Foi possível chegar a essa conclusão, também, por meio de relatos do vigário de Barbalha, Padre Alencar. O pároco contou-me existir um grande respeito por parte dos penitentes para com os preceitos e conselhos dos membros da Igreja.

A forte relação com a Igreja Católica vem desde a fundação dessas irmandades. Nos é possível inferir que a organização das irmandades penitentes faz alusão às ordens franciscanas, iniciadas no século XI (ZUMTHOR, 1993). Há em comum nos dois grupos, além da prática da penitência, o canto de benditos — histórias sagradas ou biográficas cantadas em versos rimados.

Remontam ainda à outras práticas medievais. Trazem-nos à memória os flagelantes públicos, indivíduos que se açoitavam em praça pública na Europa do século XIII, com ápice da prática no século XIV, em decorrência da peste negra. Os flagelantes acreditavam serem aplacados pela ira Divina com a prática da penitência e martírio, como foi observado no texto de Carvalho, A. (2011).

“A salvação é garantida pelas práticas penitenciais onde cânticos, orações e sofrimento físico fazem parte do ritual desses grupos” (CARVALHO, A. 2011:21). A penitência também é meio de reatualizar a vida de Cristo. Segundo Joaquim Mulato, “Ele foi o maior penitente que existiu, morreu sem nenhum pecado para salvar a humanidade”.

Pergaminhos vivos

Os penitentes são como uma obra secular. Daqueles livros ao qual a página onde consta a data da primeira impressão de tão amarelada e seca se desfez. Enxergamos os



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

penitentes como pergaminhos vivos. Homens que inscreveram em seus corpos parte da história da penitência no Brasil e são, hoje, os documentos mais importantes a serem consultados para compartilhá-la.

A História Oral como metodologia é "capaz de dar voz a segmentos sociais sem acesso à produção de documentos escritos e cuja cultura e cotidiano se desenvolvem, preferencialmente, através da oralidade" (ATAIDE, 2000:70). Por meio dessa técnica aproximamos pesquisador e pesquisado, criando uma conscientização em ambas as partes do entendimento do objeto como parte crucial à pesquisa.

Percebemos hoje uma mudança no quadro do arquivamento dessa história, antes preservada apenas na memória dos membros da irmandade. Com o interesse partindo da academia, da mídia, da fotografia e do cinema, tem sido feita a transferência dessa memória para monografias, dissertações e teses, ensaios e filmes, programas de tevê e editoriais.

Memória, história e tradição oral

O verbo se expande no mundo, que por seu meio foi criado e ao qual dá vida.
(ZUMTHOR, 1993:75)

A memória é o suporte mais antigo e o que mais arquivou as informações sobre o fenômeno dos penitentes. E foi através da oralidade que essa memória se perpetuou, sendo transmitida de pai para filho, detentor do saber ao curioso, de quem vivenciou a quem procurou conhecer, fixando-se, e findando a uma memória coletiva.

Visto que o maior suporte dessa memória são as reminiscências dos membros da irmandade, esteve com esses homens durante muitos anos a responsabilidade pela manutenção, processamento, partilha e preservação dessa tradição. Pode-se concluir, então, que com cada irmão da cruz morto antes de haver interesse em registrar essa memória morria parte da história da irmandade. O que, segundo Zumthor (1993:49), "indicam-nos um buraco negro do qual se ergue outras vozes inaudíveis, mas inumeráveis".



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

É por intermédio dessa memória, acessada pelas reminiscências de Joaquim Mulato e Antônio de Amélia, visualizadas a rigor da pesquisa e do método escolhido como documentos, que nos aproximamos do passado a fim de compreendemos o presente. O acesso a esses documentos permite-nos adentrar ao campo da história imaterial, indo de encontro ao imaginário da Ordem, conjunto de símbolos e pensamentos relativos às vivências do grupo.

De acordo com Thompson (1992), o uso da história oral na pesquisa transforma todo colaborador em um documento histórico o qual guarda e é responsável por transmitir o conhecimento, deixando a cargo do historiador o papel de organizá-las, associá-las e interpretá-las, fazendo com que a reconstrução da história se torne um processo colaborativo, dando a não profissionais o papel crucial nessa tarefa.

Encontramos em *A Voz do Passado* o que nos reafirma o papel documental e histórico em torno dos decuriões enquanto detentores da história da irmandade e responsáveis pela transmissão oral desses conhecimentos. No texto, são citados exemplos de tribos indianas onde a característica da arquivo humano e transmissor de tradições é encontrado, como os "genealogistas, memorialistas, rapsodos e *abiiru*, cada um, responsável pela preservação de um tipo diferente de tradição.", no dialeto dessas tribos, cada nome tem sua tradução. Seguindo a ordem anterior,

os *abacurabwenge*, eram responsáveis por lembrar das listas dos reis e das rainhas-mães, os *abateekerezi*, os acontecimentos mais importantes de cada reinado, os *abasizi*, preservavam os panegíricos aos reis e os *abiiru*, os segredos da dinastia. Havia equivalentes a eles em muitas outras culturas, como no *skald* escandinavo ou no *rajput* indiano. (ibid:47).

Thompson conclui, afirmando e validando nossa escolha por esse método, que práticas como essa de testemunho grupal ou mesmo individual podiam preservar por séculos alguns padrões, inclusive arcaísmos, e que continuariam perpetuados mesmo que não mais fossem compreendidos, e que, "tradições desse tipo assemelha-se a documentos legais, ou livros sagrados".

O contato com dois, dos mais antigos, membros da Ordem dos Irmãos da Cruz em diferentes épocas, nos permitiu perceber que a prática dessa tradição oral preservou



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

certas diferenças entre suas falas, algo de fácil percepção se visualizarmos o bendito de Santo Antônio. Cantado de forma, ligeiramente, diferente entre os dois decuriões.

Observando as três primeiras estrofes do bendito cantado por Joaquim Mulato (I) e Antônio de Amélia (II) podemos perceber os pontos supracitados.

(I)

Santo Antônio de Lisboa, amoroso imperador
Vai livrar teu pai da morte
Que vai morrer inocente
Que vai morrer inocente

Antônio se corre Antônio neste mesmo continente
Vai livrar teu pai da morte
Que inocente vai morrer
Que inocente vai morrer

Fica aqui minha Itália que eu me vou pra Portugal
Eu vou livrar o meu pai da morte
Que inocente vai morrer
Que inocente vai morrer

(II)

Santo Antônio de Lisboa
Amoroso amparador
Que no dia 29 dos castigos nos livrou
Que no dia 29 dos castigos nos livrou

Antônio tava na Itália
Celebrando o seu sermão
Desceu um anjinho do céu e a ele foi a visão
Desceu um anjinho do céu e a ele foi a visão

Socorre o Antônio
Nesse mesmo continente
Vai livrar teu pai da morte que vai morrer inocente
Vai livrar teu pai da morte que vai morrer inocente



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Falsa patrimonialização

O ingresso das ordens de penitentes no desfile da Festa de Santo Antônio, ocorrido na administração do prefeito Fabiano Livônio, à época com o intuito de valorizar a cultura local, completou este ano 46 anos.

Passado tanto tempo podemos inferir, segundo observações na organização atual da Ordem, que essa participação mais prejudica do que cria possibilidades de preservar, manter e salvaguardar a manifestação.

A relação iniciada em 1973 com o poder público local não agradava Joaquim Mulato. Houve uma recusa inicial por parte do decurião, ao convite do prefeito, pois a ação não era compatível com as práticas dos irmãos, peregrinos noturnos e discretos, em dissonância do evento, realizado às manhãs de junho para um grande público.

Após várias investidas da prefeitura, e segundo pude observar na bibliografia, Joaquim Mulato por não querer contrariar o poder público cedeu à participação. Em acordo com a prefeitura esta se responsabilizou pela confecção da indumentária do grupo. Acordo oferecido pela máquina municipal, pensando na questão estética da festa, pois ao oferecer a indumentária, permitiria uma unificação do grupo e tornaria às vestes, visualmente mais agradáveis.

Ao passar dos anos os membros do grupo passaram a receber cachê, prática adotada a participação deles em outros eventos, dentro e fora de Barbalha. Vale salientar que a participação dos grupos folclóricos e de penitentes visavam o aumento no fluxo de turistas pela região. A partir desse ingresso, a espetacularização em torno das ordens findaram por transformá-las, também, em grupos folclóricos.

Dentre os grupos que desfilam no dia do Pau da Bandeira, evento que reúne mais de 100 homens em direção às matas da Chapada do Araripe, para lá derrubarem o maior mastro que encontrar e levar, em seus ombros, até à frente da Igreja Matriz, para então, hasteá-lo com a bandeira de Santo Antônio presa à ela, evidenciando, como se fazia quando a prática começou, que a cidade está festejando seu padroeiro.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

No dia em que há a busca pelo mastro acontece um desfile dentro da cidade de Barbalha, onde grupos folclóricos como os de reisado, lapinhas, manero pau, cara pintada, bandas cabaçais e de pífano, dentre outros, saem pela cidade festejando o Santo.

A espetacularização do fenômeno dos penitentes cria olhares poucos preocupados em registrar e preservar a manifestação, além do pagamento de cachê para a participação nos eventos criar uma dependência nos membros da Ordem, criando a mercantilização de uma tradição que nunca teve tal conotação. Além da super exposição de uma prática que antes era realizada de forma velada com uma única finalidade, a religiosa.

No que tange o espectro da patrimonialização são poucos os projetos que têm essa finalidade e nenhum deles é específico ao grupo, mas à temática desenvolvida ou inculcida na manifestação.

Como o projeto Mestres da Cultura, como é explicitado por Bezerra (2010, p. 132).

Tendo como base um contexto de redefinições em termos nacionais, o Estado do Ceará foi pioneiro no processo de criação de uma política pública voltada especificamente para a “valorização” de determinados indivíduos, considerados então detentores de conhecimentos e práticas imprescindíveis para continuidade histórica da cultura cearense. Divididos geograficamente entre as diversas regiões do Estado, tais sujeitos se inseriam genericamente num contexto de diversidade de saberes, fazeres e representações que iam desde práticas religiosas como a penitência, até expressões mais “coloridas e profanas” como o reisado de congo, por exemplo. (apud OLIVEIRA, C. da S., 2011, p. 4)

Mestres da Cultura do Estado do Ceará é um projeto de lei sancionado no ano de 2003, tendo seu primeiro edital realizado no ano de 2004, assim como foi dito por Bezerra, buscando “valorizar” e reconhecer membros de comunidades tradicionais que detinham saberes e práticas da cultura popular cearense. Em 2006 o projeto passa por uma atualização, agora, reconhecendo indivíduos e grupos. Esses, denominados de “Tesouros Vivos da Cultura



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Poderão ser reconhecidos como “Tesouros Vivos da Cultura” as pessoas naturais, os grupos e as coletividades dotados de conhecimentos e técnicas de atividades culturais cuja produção, preservação e transmissão sejam consideradas pelos órgãos indicados nesta Lei, representativas de elevado grau de maestria, constituindo importante referencial da Cultura Cearense (LEI 13.842, de 27 de novembro de 2006. Publicado no Diário Oficial do Estado do Ceará de 30 de novembro de 2006)." (MACHADO, 2014, p. 124)

O projeto consiste na inscrição, por parte da sociedade civil, de grupos ou indivíduos que detenham algum tipo de saber da cultura popular do Ceará, depois da apresentação das propostas os Tesouros Vivos da Cultura são selecionados por meio da Coordenadoria de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural da Secult. Os mestres escolhidos recebem um auxílio mensal, que pode tornar-se vitalício, no valor de um salário mínimo. Segundo informa o capítulo III da lei.

"CAPÍTULO III
DOS DIREITOS DECORRENTES DO REGISTRO DOS
MESTRES DA CULTURA TRADICIONAL POPULAR
(...)
II - percepção de auxílio financeiro a ser pago mensalmente, pelo
Estado do Ceará, no valor correspondente a (01) um salário mínimo.
(...)
§ 2º. Os direitos atribuídos aos registrados como Mestres da Cultura
Tradicional Popular extinguir-se-ão por ocorrência da morte do registrado."

Joaquim Mulato foi um dos agraciados no primeiro edital do Mestres da Cultura, que após a sua morte, em 2009, passou para o segundo decurião da Ordem, Severino Rocha. Até o ano de 2016, o Ceará contava com o número de 60 Tesouros Vivos reconhecidos pelo Governo do Estado, que após ampliação do programa contará com 80, até o ano de 2018, com o ingresso de dez mestres em 2017 e outros dez em 2018.

Segundo os dados divulgados no site do Governo do Estado do Ceará, "O número de mestres da Cultura oficialmente reconhecidos pelo Governo do Ceará, por meio da Secretaria da Cultura, passará de 60 para 80".



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Segundo SILVA, a inclusão desses grupos na Festa de Santo Antônio, culminou em criar um "folclore" sobre a imagem do ex-prefeito, que é bastante observada na conversa com moradores e participantes dos grupos folclóricos e de penitentes.

(...) percebe-se que a bem sucedida admissão dos grupos de folguedos na programação da Festa de Santo Antonio de Barbalha, pelo então prefeito Fabriano Livônio, produziu na memória dos brincantes a ideia de ser ele um dos fundadores do "folclore" e da "cultura na Barbalha". Essa administração, nas palavras de Océlio Teixeira de Souza "desempenhou a função de transformar as experiências de cultura e da religiosidade popular em Barbalha em folclore" (SILVA, 2011, p. 56 apud MACHADO, 2014, p. 83)

Quando se penitenciam para a remissão de seus pecados e do mundo, seguem suas romarias, rezam pelas almas, pagam promessas, o fazem naturalmente, como parte da vida, intrínseco a seu papel no mundo, dentro de sua missão vivendo a vida de Jesus por meio da penitência, mas quando há a participação em eventos similares ou aparição em filmes ou programas de tevê, entre os penitentes, existe uma ideia de obrigação. Numa mentalidade de que precisam fazer isso para sobreviver, tanto memorialmente como financeiramente, na memória coletiva de quem os verá como também pela ajuda que recebem em certos casos.

Nesse contexto entendemos, que para os penitentes os gestos, palavras e movimentos perdem o significado original, enquanto um ritual de fé. Colocando com outras palavras, os signos da religiosidade dos grupos passam a ser representações que os outros fazem deles. É sintomática a inicial rejeição dos líderes das irmandades em relação a participação no evento. Entretanto ficou visível para nós o temor em ir contra o poder público local. Até hoje há certo constrangimento em relação a esta questão, quando observamos que não há uma coesão na fala dos líderes das irmandades. (CARVALHO, 2011, p.111)

A penitência não é um espetáculo, é a forma como esses homens e mulheres encontram de se comunicar com Deus, funciona como uma oração. serve para cumprir o papel da sua religião, de *religare*, reconectar, reestabelecer a conexão com o divino, é o meio que as ordens encontraram para ascender espiritualmente.

A ideia incutida que a participação no desfile da Festa de Santo Antônio valoriza e preserva a manifestação mais os prejudicam, tendo em vista que a repetição de rituais



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

com conotação religiosa feitos sem a devida significação findam por criar uma "repetição esvaziada de seu conteúdo" conduzindo "necessariamente a uma visão pessimista da existência" (ELIADE, 1992, p. 94-95).

Portanto, a inserção do fenômeno em eventos com conotação artística cria uma falsa patrimonialização, que para o poder público está servindo para preservar e compartilhar uma parte do patrimônio imaterial, quando na verdade o está destruindo.

Considerações Finais

Segundo os pensamentos explicitados por Zumthor, em *A Letra e a Voz*, observamos que os penitentes preservam características inerentes à fé popular, presentes nessas camadas desde a Baixa Idade Média. Por exemplo, os ensinamentos e rituais transmitidos de boca ao ouvido.

Nessa época, e ainda hoje, em grupos como os Irmãos da Cruz, a voz se identifica ao espírito. Segundo Zumthor (1993), a autoridade está no verbo proferido pela voz daqueles que detém o conhecimento, logo, a verdade. E dessa forma, perpetuavam-na por meio de seus discursos. Assim como acontece entre os Irmãos da Cruz.

Foi pela voz que essa tradição foi transmitida durante todos esses anos, até antes de surgir interesse por parte do homem letrado em contá-la. É por ser vivificada na voz que acreditamos no vídeo como suporte ideal para transmitir essa tradição e, assim como foi feita por mais de um século, quem as conte sejam as vozes dos homens que a vivem. Neste trabalho onde o objeto é sujeito e o objetivo é espalhar uma voz, o pesquisador é, também, um método para tornar isso possível.

Acesso ao vídeo

<https://youtu.be/GtvEfgWFsm8>



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Referências bibliográficas

ANTONACCI, M. A., **Artimanhas da história**. In: Proj. História, São paulo, (24), jun. 2002. Revista Eletrônica da PUC-SP Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10618>>. Acesso em 24 de maio, 2017.

ATAIDE, Y. D. Bandeira de. **ALGUNS USOS DA HISTÓRIA ORAL: CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DE GÊNERO, ETNIAS E GRUPOS EXCLUÍDOS**. In: Anais do II Encontro de História Oral do Nordeste, Salvador: Editora da UNEB, 2000.

CARVALHO, Anna Christina Farias de. **Sob o signo da fé e da mística: um estudo das Irmandades de Penitentes no Cariri cearense**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

CARVALHO, Gilmar de (org.). **Onze vezes Joazeiro: Tributo a Ralph Della Cava**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.

_____. **Madeira Matriz. Cultura e Memória**. São Paulo: Annablume, 1998.

DOS ANJOS, Moacir; FARIAS, Agnaldo. **Catálogo da Bienal Internacional de São Paulo, 2010. "Penitentes, dos Ritos de Sangue à Fascinação do Fim do Mundo"**. Disponível em: <https://issuu.com/guyveloso/docs/penitentes_-_cat_logo_v11_issu>. Acesso em 25 de maio, 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

MACHADO, Jana Rafaella Maia. **Entre cantos e açoites: memórias, narrativas e políticas públicas de patrimônio que envolvem os penitentes da cidade Barbalha-CE**. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014.

OLIVEIRA, Cícero da Silva. **Os Penitentes do Genezaré e o poder público do município de Assaré – CE (2005 aos dias atuais): diálogos e sensibilidades**. In: XXVII Simpósio Nacional de História - ANPUH, Natal, julho de 2013. Anais eletrônicos. Disponível em: <www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364844456_ARQUIVO_ArtigoSNH.pdf> Acesso em 12 de jun. 2017.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

SILVA, L. R. da., **Canudos e Caldeirão: Missões Abreviadas**. In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho de 2011. Anais eletrônicos, São Paulo, 2011. Disponível em: www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300847429_ARQUIVO_CanudoseCaldeirao-Missoesabreviadas.pdf. Acesso em 24 de jun. 2017.

THOMPSON, Paul. **A Voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a "literatura" medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.